

# A TRADUÇÃO DAS FORMAS DE TRATAMENTO DO ESPANHOL PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO E A QUESTÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Livya Lea de Oliveira Pereira\*

Valdecy de Oliveira Pontes\*\*

## RESUMO

Em uma interação verbal, o uso de um simples pronome de tratamento pode expressar a origem geográfica de um falante, a sua classe social, o grau de intimidade entre os interlocutores, as relações de poder e solidariedade etc. Neste contexto, levando em consideração a variação linguística nos sistemas de tratamento pronominais para 2ª pessoa da Língua Espanhola e da Língua Portuguesa, objetivamos discorrer sobre a tradução das formas de tratamento entre estas línguas tão próximas em sua origem e ricas em heterogeneidade. Para tanto, primeiramente, discorreremos sobre a aproximação entre os Estudos da Tradução e a Variação Linguística (MAYORAL, 1998; BOLAÑOS-CUÉLLAR, 2000; BORTONI-RICARDO, 2005; TRAVAGLIA, 2013). Logo, pontuamos pesquisas sobre a variação linguística nas formas de tratamento do Espanhol (CARRICABURO, 1998; FONTANELLA DE WEINBERG, 1999, CALDERÓN CAMPOS, 2010) e do Português Brasileiro (MENON, 1995, 2000; RAMOS, 2011; SCHERRE et al., 2015). Para então, discutir sobre as opções tradutórias das formas de tratamento entre as línguas supracitadas, com base nos estudos de Cintrão (2002), Masello (2011) e Ugartemendía (2015), além de estudos contrastivos. Assim, concluímos que traduzir mecanicamente o sistema de tratamento pronominal de 2º pessoa de uma língua para outra, desconsiderando a variação linguística, o contexto da tradução e seus receptores, pode gerar problemas de compreensão e/ou comunicação. Dessa forma, não basta escolher uma determinada variedade da língua para a tradução, deve-se considerar os seus usos e analisar o contexto linguístico e comunicativo, expressando adequadamente as relações de poder e solidariedade.

**Palavras-chave:** Tradução; Formas de Tratamento; Variação Linguística; Língua Espanhola; Língua Portuguesa.

## RESUMEN

En una interacción verbal, el uso de un simple pronombre de tratamiento puede expresar el origen geográfico de un hablante, su clase social, el grado de intimidad entre los

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (POET), da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

\*\*Professor Doutor em Linguística (UFC) e com Pós-Doutorado em Estudos da Tradução (UFSC). Atualmente, é Professor Adjunto na graduação em Letras-Espanhol e no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

interlocutores, las relaciones de poder y solidaridad etc. En este contexto, teniendo en cuenta la variación lingüística en los sistemas de tratamiento pronominales para 2ª persona de la Lengua Española y de la Lengua Portuguesa, se objetiva discurrir sobre la traducción de las formas de tratamiento entre estas lenguas tan próximas en su origen y ricas en heterogeneidad. Para eso, primeramente, discurrimos sobre la aproximación entre los Estudios de la Traducción y la Variación Lingüística (MAYORAL, 1998; BOLAÑOS-CUÉLLAR, 2000; BORTONI-RICARDO, 2005; TRAVAGLIA, 2013). Luego, se puntúan investigaciones sobre la variación lingüística en las formas de tratamiento del Español (CARRICABURO, 1998; FONTANELLA DE WEINBERG, 1999, CALDERÓN CAMPOS, 2010) y del Portugués Brasileño (MENON, 1995, 2000; RAMOS, 2011; SCHERRE et al., 2015). Para entonces, discutir sobre las opciones de traducción de las formas de tratamiento entre las lenguas mencionadas, a partir de los estudios de Cintrão (2002), Masello (2011) y Ugartemendía (2015), además de estudios contrastivos. De esta forma, se concluye que traducir mecánicamente el sistema de tratamiento pronominal de 2º persona de una lengua hacia otra, desconsiderando la variación lingüística, el contexto de la traducción y sus receptores, puede generar problemas de comprensión y/o comunicación. De igual forma, no basta elegir una determinada variedad de la lengua para la traducción, hay que considerar sus usos y analizar el contexto lingüístico y comunicativo, expresando adecuadamente las relaciones de poder y solidaridad.

**Palabras-clave:** Traducción; Formas de Tratamiento; Variación Lingüística; Lengua Española; Lengua Portuguesa.

## Introdução

Conhecer e saber utilizar as formas de tratamento de uma língua é pertinente à boa comunicação, tendo em vista que marcam proximidade ou distanciamento entre os interlocutores, respeito, formalidade ou informalidade, poder ou hierarquia, solidariedade, familiaridade, intimidade e, até mesmo, expressam sentimentos de raiva para com o interlocutor. Também, é relevante pontuar que os usos e as formas de tratamento em uma mesma língua podem variar de acordo com a região geográfica, classe social, relação entre os interlocutores, situação comunicativa, etc. Assim, tendo em vista tais aspectos, a tradução equivocada de um simples pronome de tratamento pode causar problemas de compreensão e comunicação.

Ainda, segundo Castilho (2014, p. 474), os pronomes, do ponto de vista semântico-discursivo, podem representar as pessoas do discurso, pelo caminho da dêixis; podem retomar ou antecipar os participantes pelo caminho da foricidade (anáfora e catáfora). Porém, sobre este aspecto, Camacho (2015, p. 169) destaca que, nas gramáticas tradicionais, a classe gramatical “pronomes de tratamento” recebe esta nomenclatura de forma inadequada por constituírem uma subclasse dos pronomes pessoais e não contemplarem, em sua formulação, Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 48-67, 2015.

o seu caráter dêitico. Em decorrência disto, o autor sugere o termo “nomes pronominalizados”, devido ao uso dêitico locucional dialógico em outras funções sintáticas, para além do vocativo, tais como as relações de sujeito e de complemento. Por exemplo, os pronomes “você”, “o senhor” e “a senhora” contraem concordância verbal com a terceira pessoa à moda dos nomes. Entretanto, pelo fato de os termos “pronomes de tratamento” ou “formas de tratamento pronominais” serem convencionais na área de estudo, estes são adotados neste trabalho.

Neste artigo, discorreremos acerca da variação linguística nos usos das formas de tratamento pronominais de 2ª pessoa, das Línguas Espanhola e Portuguesa. Ademais, analisamos alguns exemplos de opções tradutórias para estas formas, levando em consideração os seus usos e valores em distintas variedades destas línguas. Para tanto, apresentamos as seguintes seções: Introdução; 1. Tradução e Variação linguística; 2. Variação linguística nas Formas de Tratamento das Línguas Espanhola e Portuguesa; 3. Tradução das formas de tratamento da Língua Espanhola para o Português Brasileiro e Conclusão.

## **1 Tradução e Variação Linguística**

Na hora de traduzir, podemos nos deparar com mais de uma forma que expressa o que se quer dizer, isto é, encontrar casos de variação linguística. Segundo Labov (1978), esta ocorre quando há duas ou mais alternativas de se referir ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor referencial. Por exemplo, na tradução da frase “*Me voy a la fiesta, y tú?*”, para o Português Brasileiro, o pronome de tratamento “*tú*” poderia ser traduzido pelas variantes “tu” ou “você” do Português. Mas, qual seria a mais adequada? As duas formas são utilizadas no Português Brasileiro para o tratamento de 2ª pessoa do singular. Então, poderia ser uma escolha aleatória na hora de traduzir? Um possível auxílio para esta decisão tradutória seria recorrer a estudos sociolinguísticos, além de analisar o contexto linguístico e/ou extralinguístico de interação verbal que gerou tal enunciado. Assim, no âmbito dos Estudos da Tradução, alguns autores destacam a aproximação entre esta área e a Sociolinguística.

Nesta perspectiva, Bolaños-Cuéllar (2000, p.158) defende, no marco da interdisciplinaridade dos Estudos da Tradução, que a Sociolinguística pode contribuir à compreensão, à análise e a possíveis soluções de problemas de tradução, no tocante à função das formas de tratamento de uma língua a outra, conservação de socioletos, gírias, registros, etc., durante o processo de tradução. Assim, é necessário que o tradutor reconheça as classes

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 48-67, 2015.

de variação linguística existentes e a forma como podem ser traduzidas para outra língua, isto é, há de se levar em conta a diversidade linguística de ambas as línguas envolvidas na tradução.

Por outro lado, o autor afirma que apesar da existência, em toda língua, de variação diatópica (geográfica), diastrática (tecnoleto, gírias, socioleto) e diafásica (registro), o tradutor, também, deve levar em consideração a existência de uma norma-padrão<sup>1</sup>, que é caracterizada por ter um estilo formal, de prestígio e ser utilizada, geralmente, nos meios de comunicação nacional, nas escolas ou ensino da língua a estrangeiros. Esta norma se apresenta, também, em textos científicos, já em textos literários é mais rara, considerando que nestes textos os recursos expressivos (dialetais, socioletais, estilísticos, etc.) de uma língua encontram maior espaço. No entanto, mesmo em textos literários, Bolaños-Cuéllar (2000, p. 185) pontua que se o tradutor não domina outros registros da língua que se aproximem ao utilizado no TB (texto base) ou, ainda, não tenha compreendido o valor de determinadas expressões; é possível o uso da norma-padrão no TM (texto meta). Contudo, o ideal é que o tradutor tenha sensibilidade, espírito investigativo e conhecimento sociolinguístico que lhe permitam fazer escolhas tradutórias adequadas.

Snell-Hornby (1995, p.33) assevera a necessidade da existência de um transfundo sociocultural na atividade tradutora. Nas palavras dela: “Outras disciplinas de relevância para a tradução como um ato comunicativo dentro de um contexto situacional específico seria a Sociolinguística (com o estudo de variedades linguísticas) [...]” (tradução nossa, SNELL-HORNBY, 1988/1995, p.33)<sup>2</sup>. Por sua vez, Lefevere (1992), também, ressalta o papel da variação linguística na tradução em uma situação específica e nas diferentes culturas. O autor, ao explicar o conceito de registro, deixa claro o papel do contexto nas escolhas linguísticas: “Exceto em livros de gramática ou estilos iniciantes, a língua nunca é usada no vácuo: sempre é usada em certa situação. Em diferentes culturas, um uso específico da língua é considerado apropriado (ou inapropriado) numa situação específica.”(tradução nossa, LEFEVERE, 1992, p.58)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>A norma-padrão está relacionada à noção de língua homogênea prescrita pela gramática normativa. Logo, desempenha um papel unificador que busca neutralizar as variações, tornando-se uma referência supra regional e transtemporal, conforme Faraco (2002, p. 42).

<sup>2</sup>Citação original: “Other disciplines of relevance for translation as an act of communication within a specific situational context would be sociolinguistics (as the study of language varieties), [...]” (SNELL-HORNBY, 1988/1995, p.33).

<sup>3</sup>Citação original: “Except in grammar books or primers on style, language is never used in a vacuum: it is always used in a certain situation. In different cultures a specific use of language is considered appropriate (or inappropriate) in a specific situation.”(LEFEVERE, 1992, p.58)

No que diz respeito às escolhas do tradutor ao deparar-se com um texto que possua um registro ou variedade linguística específica, Travaglia (2013, p. 158) elenca três opções: a) usar a mesma variedade de língua; b) usar outra variedade de língua; e, c) buscar supostas “equivalências” em termos de variedade. Em relação à primeira opção, a autora afirma ser uma possibilidade mais teórica do que prática ao tradutor, uma vez que duas línguas, diferentes entre si, não terão os mesmos dialetos. Assim, a autora expõe que o tradutor pode buscar na LM (língua materna) um dialeto que tenha o mesmo prestígio, desprestígio, classe social de quem o utiliza, etc., do dialeto da LE (língua estrangeira), ou um valor relativo, optando por uma correspondência de variedades. Embora seja mais fácil encontrar correspondentes em dialetos definidos por classe social, idade, sexo, função e geração, do que em dialetos de definição geográfica. Nesse caso, o tradutor, também, pode buscar correspondências no modo e na formalidade.

Para Travaglia (2013, p.160), as supostas “equivalências” e semelhanças entre registros e dialetos não serão fixas, imutáveis, posto que estão sujeitas à leitura ou às leituras do tradutor. Porém, apesar da autora dar relevância à retomada da variação linguística no TM, por meio da busca de correspondentes, ela expõe que o tradutor tem a opção de não considerar as variedades e que pode correr o risco de perder um efeito significativo no TM. Esta atitude pode produzir, também, um efeito.

Mayoral (1998) argumenta que muitos estudos sobre tradução trataram do problema da variação linguística com ênfase na tradução de dialetos. Entretanto, há lacunas no que se refere à tradução de variantes concretas. Além disso, o autor esclarece que o processo de tradução da variação linguística é um processo de tradução de seus elementos marcadores, tanto os percebidos pelo receptor como norma-padrão quanto os percebidos como marcados. Para ele, os marcadores são pistas de contextualização (informações de parâmetros sociolinguísticos) da variação linguística convencionalizada. Portanto, no processo de tradução da variação, o tradutor deve ter em mente que o receptor percebe a variação, muitas vezes, por analogia ou contraste com as suas próprias formas de falar e a sua identidade e, nessa questão, entram em jogo os estereótipos linguísticos e culturais. Conforme Mayoral (1998), na hora de traduzir, o tradutor busca soluções econômicas e de fácil processamento, fato que resulta, geralmente, na reprodução de estereótipos linguísticos, que podem não possuir relação com a realidade, mas que estão convencionalizados socialmente.

Por último, Bortoni-Ricardo (2005) salienta que a relação dialética entre a forma linguística e a função definida no contexto social, defendida pela Sociolinguística, pode

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 48-67, 2015.

prestar grande contribuição às atividades que implicam confronto entre línguas, tal como a tradução. Ao buscar exemplificar como as estruturas linguísticas de cada língua estão condicionadas por normas sociais sujeitas à variação intercultural e a sua influência na tradução, a autora cita, entre outros exemplos, a relação entre a variação no uso das formas de tratamento pronominais e as dimensões de poder e solidariedade que prevalecem em uma sociedade, a partir do estudo de Brown e Gilman (1972). Em muitas línguas europeias, tais como o Francês, o Espanhol, o Alemão e o Italiano, há dois pronomes de tratamento: (i) um é selecionado para as relações simétricas e indica intimidade, solidariedade, etc.; (ii) o outro indica poder e se usa em relações assimétricas, nas quais um dos interlocutores é mais velho/nobre/rico/poderoso, etc., que o outro.

Por outra parte, há de se considerar a complexidade no uso das formas de tratamento para expressar tais relações, por exemplo, no Português Brasileiro, existem os pronomes “tu, você(s) e senhor(es)”. Já no Espanhol, a depender da variedade e da comunidade de fala, podemos encontrar os pronomes *tú*, *vos*, *usted(es)* e *vosotros*. Nestes casos, torna-se pertinente entender o significado social de cada forma na hora de traduzir. Em consonância com esta proposição, a autora assevera que: “A descrição do significado social de fenômenos linguísticos é crucial quando se confrontam duas línguas com o objetivo de tradução”. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.107)

Partindo deste pressuposto, na próxima seção expomos algumas pesquisas sociolinguísticas sobre a variação linguística no uso das formas de tratamento pronominais para 2ª pessoa, nas variedades da Língua Espanhola e nas do Português Brasileiro.

## **2 Variação linguística nas Formas de Tratamento das Línguas Espanhola e Portuguesa**

A temática da variação linguística no uso das formas de tratamento da Língua Espanhola é bastante extensa e complexa, fato já pontuado por Fontanella de Weinberg (1999) e Calderón Campos (2010). Também, este aspecto é igualmente complexo na Língua Portuguesa. Portanto, seria inviável tratar, com exatidão, acerca de toda a variação linguística no uso das formas de tratamento destas línguas. Assim, para esta seção, objetivamos reunir algumas pesquisas sociolinguísticas que buscaram analisar os condicionamentos linguísticos e/ou extralinguísticos, envolvidos no uso das formas de tratamento pronominais para o trato de 2ª pessoa do discurso, os quais podem auxiliar na compreensão deste tema tão complexo e,

ainda, subsidiar a atividade tradutória. Primeiramente, enumeramos pesquisas acerca da Língua Espanhola e, logo, tratamos da Língua Portuguesa.

No que se refere aos usos e à evolução histórica das formas pronominais, conforme Calderón Campos (2010, p.236), no Espanhol medieval peninsular, as formas de tratamento existentes eram os pronomes “*tú*” e “*vos*”, para o trato no singular, e apenas o pronome “*vos*”, para o trato no plural. Este duplo uso do pronome “*vos*”, segundo Menéndez Pidal (1985, p. 251), foi herdado da língua latina e possuía os seguintes matizes de uso: um como forma de respeito e distanciamento do interlocutor e outro para o tratamento no plural. Com o decorrer do tempo, ocorreram as seguintes mudanças: o “*vos*” de plural transformou-se em “*vosotros*”, enquanto o “*vos*”, com matiz de respeito e distanciamento, ampliou seu uso para o trato de confiança; também, o pronome “*tú*” teve seu uso restringido para o tratamento entre falantes de classes socialmente menos favorecidas ou entre iguais com máxima intimidade. Neste sentido, devido ao amplo uso do pronome “*vos*”, houve um progressivo desgaste desta forma, o que permitiu que surgissem outras formas de tratamento para designar respeito, por exemplo, o “*vuestramerced*” acompanhado de verbos na terceira pessoa, o qual evoluiu ao pronome que conhecemos, atualmente, como “*usted*”.<sup>4</sup>

A partir das mudanças supracitadas, no paradigma pronominal espanhol peninsular, segundo Carricaburo (1997), houve a seguinte reorganização: (i) o pronome “*tú*” era utilizado em contextos de confiança e intimidade; (ii) o pronome “*vos*” era utilizado somente para o tratamento em plural (evoluindo à forma *vosotros*), limitando-se a contextos de confiança; (iii) o “*vuestramerced/vuestrasmercedes*” era utilizado como tratamento de respeito. Com a expansão territorial espanhola à América, as mudanças no sistema de tratamento pronominal não foram homogêneas, gerando a grande variação diatópica existente atualmente, refletida na diversidade de *tuteo*, *ustedeo* e *voseo* presente na hispano-américa.

O *tuteo*, de acordo com Calderón Campos (2010, p.225), refere-se ao uso do pronome *tú* acompanhado por seu paradigma verbal e pronominal, já o *ustedeo* consiste no uso do *usted* em situações de confiança e intimidade, por exemplo, em contextos familiares, isto é, o uso não convencional do pronome *usted* como marcador de distância ou respeito. Por sua vez, Ramírez (2011, p.22) afirma que o *voseo* trata-se do uso do *vos* como segunda pessoa pronominal do singular, no lugar do *tú*. Além disso, a autora identifica a existência de, pelo menos, três tipos de *voseo*, a saber: pronominal-verbal (*vos tenés*); apenas pronominal (*vos*

---

<sup>4</sup> De acordo com Gómez Torrego (2005, p.107), as formas “*usted/ustedes*”, do ponto de vista sintático, pertencem à terceira pessoa e fazem concordância com verbos em terceira pessoa. Contudo, no ato comunicativo, estas formas pertencem à segunda pessoa, pois se referem ao interlocutor. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 48-67, 2015.

*tienes*) e somente verbal (*tu tenés*); os quais apresentam-se em vários países hispano-americanos, em coexistência ou não com as outras formas de tratamento.

Diante da variação nos usos das formas de tratamento, Fontanella de Weinberg (1999) propõe uma divisão que contemple os sistemas de tratamento pronominais existentes na Língua Espanhola, a saber:

Quadro 1 – Divisão do sistema pronominal do Espanhol por Fontanella de Weinberg (1999)

	Sistema I		Sistema II		Sistema III		Sistema IV		
	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular IIIa y IIIb		Singular	Plural	
<b>Intimidad</b>	<i>tú</i>	<i>vosotros</i>	<i>tú</i>	<i>ustedes</i>	<i>Vos ~</i>	<i>vos</i>	<i>ustedes</i>	<i>vos</i>	<i>ustedes</i>
<b>Confianza</b>					<i>tú</i>				
<b>Formalidad</b>	<i>usted</i>	<i>usted</i>	<i>usted</i>		<i>usted</i>		<i>usted</i>		

Conforme a autora, o sistema pronominal I é característico da maior parte da Espanha. Nele, há duas formas para tratamento no singular, *tú* para confiança e *usted* para formalidade, além de duas formas correspondentes no plural, *vosotros(as)* para trato informal e *ustedes* para relações mais formais. Cada uma destas formas possui paradigma verbal próprio. A autora explica que este é o único sistema de tratamento pronominal do mundo hispânico em que existe a oposição confiança/formalidade nas formas de tratamento no plural (*vosotros(as)/ustedes*).

Em relação ao uso das formas de tratamento na Espanha, Carricaburo (1997, p. 10) expõe que, em Madrid e na maioria das zonas urbanas, houve um avanço nas formas de tratamento simétrico informal (*tú-tú*) e simétrico de deferência (*usted-usted*). A autora afirma que dentre estes usos simétricos o primeiro se impôs sobre o segundo, sendo o *tuteo* quase exclusivo no âmbito familiar, entre jovens ou entre pessoas de uma mesma profissão ou atividade. No que diz respeito ao uso do *usted*, a autora salienta que entre os jovens o uso do *usted* é pautado pela maior idade do interlocutor, conhecimento prévio ou nível social, este último, geralmente, em filhos de operários.

No que se refere ao sistema pronominal II, nota-se que as formas de tratamento no singular coincidem com o sistema pronominal I, embora, para o tratamento no plural, haja apenas uma forma, neste caso, *ustedes*. Na concepção de Fontanella de Weinberg (1999), fazem parte deste sistema: algumas regiões da península espanhola, tal como Andaluzia e Canárias, com a especificidade que destacamos anteriormente, a maior parte do território colombiano e venezuelano e uma pequena parte do território fronteiriço do Uruguai. Também,

podemos acrescentar a este sistema, a maior parte de Cuba, México Peru e Porto Rico. Neste último, o *tuteo* abarca todas as categorias sociais, sendo possível encontrá-lo até nas esferas em que seria esperado o pronome *usted*. Ainda, neste país, as formas verbais *tuteantes* podem ocorrer com ou sem –s final, por exemplo, *¿Qué tu dice(s)?; ¿Cómo tú está(s)?* (RAMÍREZ, 2011, p.18). Na visão de Carricaburo (1997, p. 22), há duas pautas gerais que influenciam o uso de *tú* ou *usted* em Porto Rico: o sexo do locutor e do interlocutor e a idade.

Para o estudo do sistema de tratamento pronominal III, Fontanella de Weinberg (1999) o subdivide em IIIa e IIIb, segundo os usos de *vos*, *tú* e *usted*. O sistema IIIa é o mais difundido nas regiões que coexistem o *voseo* e o *tuteo*, apresentando uma alternância bastante generalizada de formas, além da forma *ustedes* para trato no plural. Conforme a autora, o que influencia a escolha entre um pronome ou outro, neste sistema, é a preferência dos falantes mais cultos e em estilo mais cuidado pelo uso de *tú*. Em contrapartida, os falantes de menor nível sociocultural e em estilos mais informais optam pelo uso de *vos*.

As regiões, que fazem parte do sistema de tratamento pronominal IIIa, são: grande parte da Bolívia, o sul do Peru, parte do Equador, algumas regiões colombianas, o oeste venezuelano, a fronteira de Panamá e Costa Rica, o estado mexicano de Chiapas e Chile. Sobre este último, Torrejón (2010) destaca que há o uso do *vos* com as formas verbais derivadas da 2ª pessoa de plural para dirigir-se a um interlocutor único, a saber: *vos andái*, *vos comís*, *vos vivís*. Também, há o *voseo* misto pronominal, com o uso do *vos* com as formas verbais de 2ª pessoa do singular (*vos andas*, *vos comes*, *vos vives*). O autor ressalta, ainda, que no país existe o uso normativo de *tú* e *tuteo* que, também, origina uma terceira forma de *voseo*, o misto verbal, no qual se utiliza a forma *tu* com as formas *voseantes* (*tu andái*, *tu comís*, *tu vivís*). Por sua vez, o uso do *usted*, neste país, conserva o valor de respeito e distância, além do uso do *usted* de carinho e de enojo.

Já o sistema de tratamento pronominal IIIb está dividido em três níveis de formalidade, expressos pelas formas de tratamento, a saber: *vos* (íntimo) – *tú* (confiança) – *usted* (de uso formal). Um país que caracteriza este sistema é o Uruguai, no qual há o uso do *voseo* completo (*vos cantás*) entre pessoas íntimas ou familiares, enquanto o *voseo* apenas verbal (*tu cantás*) é utilizado em relações em que há confiança, mas não intimidade, por exemplo, entre conhecidos, companheiros de trabalho, professores e estudantes universitários, etc. Por outro lado, o *usted* conserva o seu uso de respeito e o caráter formal. Sobre o uso das formas de tratamento no Uruguai, Calderón Campos (2010) propõe o paradigma pronominal tríadico (*tú-vos-usted*). No entanto, ressalta que o *voseo* misto (*tu tenés*) é considerado a

norma-padrão de Montevideo e constitui um aspecto característico da capital que se estende a outras regiões do país.

Por fim, o sistema de tratamento pronominal IV está caracterizado da seguinte forma: (i) presença da forma *vos*, para trato informal no singular; (ii) a forma *usted* para trato de respeito ou formalidade no singular; (iii) a forma *ustedes* para o trato no plural, formal ou informal. Os países que utilizam este sistema pronominal são: Costa Rica, Nicarágua, Guatemala, Paraguai e Argentina. Neste último, segundo Couto e Kulikovski (2011), o *voseo* é usado nos diversos âmbitos sociais coloquiais e familiares, possuindo prestígio social, ou seja, é aceito como a norma culta, apresentando-se em sua forma completa (pronominal e verbal) e monotongada (*vos tenés*). Carricaburo (1997) afirma que o *voseo* se impôs totalmente sobre o *tuteo* e avança, inclusive, sobre o uso de *usted*.

Neste contexto, Rigatuso (2000), também, chama a atenção para o avanço do sistema de tratamento pronominal bonaerense em direção à proximidade e à informalidade, com o uso cada vez mais frequente do pronome *vos* em diversos contextos interacionais, incluindo o domínio de relações comerciais, com a mescla de formas nominais *señor/señora* e a forma *vos*, por exemplo: *¿Alguna otra cosa señora?; ¿Querés poner algo en la bolsita?* (RIGATUSO, 2000, p. 332). Moser (2011, p. 443) faz referência ao aumento do *ustedeo* na alta classe bonaerense e ao uso do *vos* para situações informais, hierárquicas desde o polo de poder, em situações simétricas e em interações assimétricas de inferioridade.

Tratemos, agora, sobre a variação linguística no uso das formas de tratamento pronominais para 2ª pessoa no Português do Brasil, pontuando sua evolução histórica e seu panorama atual. Com a colonização portuguesa no Brasil, as formas de tratamento para 2ª pessoa sofreram modificações em seus usos, diferenciando-se gradativamente da metrópole. Lopes (2008) enfatiza que a forma “Vosmecê”, “mecêa”, “vosse”, “você” e a própria forma “Vossa Mercê” chegaram no Brasil sem o valor cortês do século XIII-XIV. A autora salienta que a forma “você” passa a ser produtiva nas relações assimétricas, de superior a inferior e, a partir do século XIX, a coorrência entre o tu/você para relações íntimas e solidárias passa a ser maior. Ainda, no período da colonização brasileira por Portugal, segundo Menon (1995), o processo de arcaização do pronome “vós” já havia começado na metrópole, assim como a mudança fonética e de valor da forma de tratamento “Vossa Mercê”, que já era utilizada entre os não-nobres em Portugal, fato que pode ter contribuído para a expansão de uso do “você” como forma de tratamento íntimo, em muitas regiões brasileiras.

Outra forma de tratamento, herdado da sociedade portuguesa, foi a forma “senhor”. Conforme Ramos (2011, p.290-291), este tratamento foi utilizado para dirigir-se ao rei e explicitamente recomendado em 1597 na lei filipina, ao mesmo tempo que se recomendou o uso de “Vossa Senhoria” para o tratamento de duques, marqueses, condes e autoridades religiosas. O autor explicita que houve um processo de mudança semântica da forma “senhor” com uma extensão do seu sentido (*homem idoso*>*homem possuidor de bens e pessoas*>*homens poderosos*> *homens de respeito*). Deste modo, Ramos (2011) traça a seguinte cronologia de uso desta forma: no século XVI é usado no tratamento ao rei, no século XIX expande-se na sociedade, passando a ser atestado na fala do povo. Na atualidade, Scherre et al. (2015, p. 136) expõem que as formas “senhor/senhora” são utilizadas para o tratamento com pessoas mais velhas ou menos conhecidas, indicando respeito e/ou distância. Entretanto, este uso está mudando e muitos jovens já não tratam seus pais por senhor/senhora, a depender da região geográfica.

Em contrapartida, Menon (1995) assevera que, no Português Brasileiro, o par pronominal “você/vocês” passou a coocorrer com o antigo par “tu/vós”, suplantando primeiro a forma “vós”, que, atualmente, restringe-se a usos específicos, por exemplo, em textos religiosos. Contudo, o antigo uso respeitoso do plural continua a existir nessa nova forma em determinadas situações, tal como pedir informações a um funcionário de uma empresa por telefone (ex. Vocês fornecem o produto X?). Já a coocorrência entre “tu/você” persiste em diversas regiões brasileiras, embora haja o predomínio da forma “você”, principalmente, na área central do país. Neste sentido, Castilho (2014, p.479) vislumbra duas tendências de uso das formas de tratamento para 2ª pessoa no Português Brasileiro: (i) o pronome “tu” continua vigente, o uso da forma “você” expressa distanciamento; (ii) uso expandido de “você” aos diversos contextos interacionais, mas há o uso de “tu” quando se quer expressar distanciamento. No entanto, é importante ponderar que os usos de “tu” e “você” são bem diversificados nas regiões brasileiras, conforme podemos constatar a partir da divisão em subsistemas, proposta por Scherre et al. (2015, p. 142):

Quadro 2 – Subsistemas dos pronomes “tu” e “você” no Português Brasileiro com base em Scherre et al. (2015)

<b>Subsistema só você</b>	Uso exclusivo das variantes você/cê/ocê, ocorrendo na Região Centro-Oeste (exceto Distrito Federal); na Região Sudeste, na maior parte de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo; na Região Nordeste, a capital baiana; na Região Norte, a parte central, sul e sudeste de Tocantins; e, na Região Sul, Paraná.
<b>Subsistema mais tu com concordância baixa</b>	Frequência do uso de “tu” acima de 60% com concordância verbal abaixo de 10%. É encontrado na Região Norte, em Amazonas (por exemplo, Tefé), e na Região Sul, o estado do Rio Grande do Sul (por exemplo, as

	idades de Porto Alegre e Flores da Cunha).
<b>Subsistema mais tu com concordância alta</b>	Uso médio de “tu” acima de 60%, com concordância verbal entre 40% e 60%. Este subsistema é encontrado na Região Norte, no estado do Pará (Belém e Mocajuba) e na Região Sul, no estado de Santa Catarina (por exemplo, Florianópolis).
<b>Subsistema tu/você com concordância baixa</b>	Uso médio de “tu” abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%. É encontrado na Região Nordeste (norte e nordeste do estado do Maranhão), Norte (algumas partes de Tocantins) e Sul (nas cidades de Chapecó e Concordia, em Santa Catarina).
<b>Subsistema tu/você com concordância média</b>	Uso de “tu” abaixo de 60% com concordância verbal de 10 a 39%. Encontra-se nas regiões Norte (Manaus, Amazonas) e Sul (Blumenau e Lages, em Santa Catarina), e nas capitais de diversos estados nordestinos, tais como Teresina (Piauí), João Pessoa (Paraíba), Recife (Pernambuco), Fortaleza (Ceará).
<b>Subsistema você/tu sem concordância</b>	Uso de tu com 1% a 90% sem concordância verbal. Apresenta-se na região Centro-Oeste, no Distrito Federal, e na Região Sudeste, no estado do Rio de Janeiro, Santos – SP, São João da Ponte- MG. Já na Região Norte, em Roraima e no Acre, e na Região Nordeste, Feira de Santana, Sapé, Rio de Contas e Poções na Bahia, além de Bacabal, Balsas, Ponheiro e Alto Parnaíba no Maranhão.

Os autores propõem esta divisão com base em pesquisas sociolinguísticas sobre o tema e afirmam que os aspectos sociais, tais como o gênero do falante, a faixa etária e a escolarização, além dos aspectos interacionais e linguísticos, tais como tipo de discurso (direto ou relatado) e referência (genérica ou específica), grau de intimidade com o interlocutor etc., podem ter papéis importantes na escolha de uma forma ou outra. (SCHERRE et al., 2015, p.135-136). Esta afirmação corrobora a proposição de Menon (2000), ao observar que a distribuição das variantes “tu” e “você”, em algumas regiões do Brasil, não se justifica meramente por questões geográficas ou diatópicas.

Assim, tendo em vista o exposto nesta seção, a seguir, discorreremos acerca da tradução das formas de tratamento no par linguístico Espanhol-Português.

### **3 Tradução das formas de tratamento da Língua Espanhola para o Português Brasileiro**

Os usos das formas de tratamento pronominais para 2ª pessoa na Língua Espanhola e na Língua Portuguesa, como vimos, são influenciados por diversos fatores, inclusive, fatores diatópicos. Por exemplo, ao traduzir um texto literário escrito em uma determinada variedade linguística, o tradutor terá que lidar com os usos e formas de tratamento pronominais naquela língua, além da língua meta, tomando decisões que podem influenciar a compreensão do texto. Sobre este aspecto, Masello (2011) expõe que os usos das formas de tratamento podem fazer parte dos recursos do autor para representar as interações e as relações de poder. Logo,

as decisões do tradutor dependerão da análise que ele realize acerca do peso discursivo e da interação com o plano ideacional de uma determinada variante.

Considerando esta questão, nesta seção, não objetivamos elencar correspondências entre as formas de tratamento pronominais da Língua Espanhola e da Língua Portuguesa, mas refletiremos algumas especificidades que podem ser levadas em consideração na hora de sua tradução. Para tanto, retomamos alguns estudos sobre a tradução das formas de tratamento pronominais entre estas línguas, tais como: Cintrão (2002), Masello (2011) e Ugartemendía (2015). Além de aspectos contrastivos entre as Línguas Espanhola e Portuguesa, sistematizados por Contreras (1998), Eres Fernández e Flavian (2007) e Fanjúl (2014).

Primeiramente, apresentamos a pesquisa de Cintrão (2002) que problematiza a tradução de quatro livros didáticos de ensino de religião católica, do Espanhol peninsular para o Português de São Paulo. A autora expõe que os textos a serem traduzidos eram divididos em três blocos de gêneros textuais, os quais condicionavam escolhas diferentes no momento de traduzir as formas de tratamento. Assim, havia casos em que no Espanhol peninsular era sempre o pronome “*tú*”, mas, na tradução, a depender do gênero textual, poderia corresponder ao pronome de tratamento “você” (em textos com linguagem coloquial), ou a um “tu” em textos bíblicos e a um “vós” (dirigido a uma só pessoa) em orações. Também, existiam casos em que no Espanhol peninsular utilizava-se o pronome “*vosotros*”, mas na tradução se desdobrava em um “vocês” ou em um “vós” (com valor de plural).

A partir desta análise, Cintrão (2002) chama a atenção para o perigo da generalização do uso das formas de tratamento pronominais, afirmando ser problemática a equivalência fixa entre as variantes do Espanhol peninsular “*tú*” e “*usted*” e o “você” e “senhor” do Português de São Paulo. A autora esclarece que os usos destas formas, no Português de São Paulo, podem ser condicionados, também, pelos gêneros textuais. Fato semelhante, segundo a autora, pode ser encontrado na Argentina, uma região *voceante*, mas que permite o uso da forma de tratamento “*tú*” em gêneros textuais específicos, tais como: jogos infantis de faz-de-conta, lápides e poemas. Ainda, a autora reflete sobre a complexidade oriunda da tradução do tratamento pronominal entre pai e filho, pois no Espanhol Peninsular há uma tendência ao uso do pronome “*tú*”, mas no Brasil há grande variação regional, de classe social e, inclusive, de opções individuais. Portanto, a relação entre pai e filho constitui um aspecto complexo para a tradução, visto que envolve a proximidade familiar, o respeito e a hierarquização institucionalizada socialmente. A partir do exposto, a autora conclui que as formas de

tratamento carregam, mais que outras partes do sistema linguístico, a carga dos conflitos sociais e de interesses, além de várias tensões afetivas.

No âmbito da tradução literária, Masello (2011) analisa a tradução uruguaia da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), de Lima Barreto, no que se refere à tradução das formas de tratamento. A autora expõe que a variação linguística no uso das formas de tratamento do Português do Brasil e do Espanhol Uruguaio, com combinações diacrônicas, diatópicas e diastráticas, influencia a tomada de decisão do tradutor.

Na versão desta obra para o Espanhol Uruguaio, a tradutora realizou as seguintes correlações no par linguístico Português-Espanhol: 1. No tratamento entre Quaresma e seu chefe, por variar entre as formas “Vossa Excelência” e “senhor”, optou-se por nivelar o tratamento entre ambas as personagens através do pronome “*usted*”; 2. Ao traduzir a forma de tratamento “Seu”, transformação do pronome “senhor” anteposto a nomes próprios como forma respeitosa de tratamento na linguagem coloquial, preferiu-se o pronome de tratamento espanhol “Don”, já que este possui os mesmos matizes de uso no Espanhol Uruguaio; 3. No tratamento assimétrico de inferior para superior “sá dona” ou “dona”, escolheu-se a nivelção desses tratamentos através da forma “*usted*”; e, 4. As formas de tratamento entre Maria Rita e Quaresma, tais como “Sô Coroné”, “nhã”, “Ioiô”, “sinhô”, “velha”, “você”, “titia”, devido a possuir conotações sócio históricas de um passado escravista no Brasil, optou-se por traduzir literalmente, destacando-as através de letras cursivas e com a inserção de explicações em notas de rodapé.

Através destas escolhas tradutórias, Masello (2011) postula que uma aproximação comparativa entre os subsistemas de tratamento de cada língua não seria um instrumento suficiente para a tradução, uma vez que no processo tradutório não se decide simplesmente por um determinado paradigma temporal ou regional e troca-se mecanicamente para o da outra língua. Na tradução das formas de tratamento, além de averiguar os paradigmas de tratamento pronominal mais usuais, é necessário considerar o contexto de interação e examinar a oposição entre poder e solidariedade.

Masello (2011) faz referência ao fato de que, na tradução literária, o tradutor não ibérico opta por determinados subsistemas em sua variedade ou mesmo de outra variedade. Tal fato é recorrente em traduções latino-americanas que, muitas vezes, ao invés de escolher sua própria variedade, opta pela variedade peninsular devido ao maior prestígio editorial ou pela crença de que alcançará um público maior.

Corroborando esta questão, Ugatermendía (2015) expõe que os tradutores latino-americanos concebem as suas variantes inadequadas ou inapropriadas para veicular a tradução de um discurso solene. A autora aponta que, ao traduzir textos clássicos greco-latinos, tais tradutores utilizam a variedade peninsular, visando alcançar um tom solene, como se esta variedade fosse mais “cultura” que as outras. Porém, as obras clássicas traduzidas com a variedade peninsular, usadas em escolas, tornam-se complexas para os alunos hispano-americanos, por distanciar-se das variedades latinas, principalmente, pelo uso do “vosotros” e seu paradigma verbal e pronominal.

Por último, a autora defende que a tradução destes textos clássicos, tal como o caso específico do texto de Cícero para o Espanhol “rio-platense”, não deve ser guiada pelo tom solene, mas pelo contexto em que se realiza, uma vez que o uso de “vosotros” em tais textos não indicaria solenidade, pois, para os leitores ibéricos, este pronome faz parte do paradigma pronominal de tratamento informal, no plural.

Com base nas três autoras supracitadas, podemos tecer as seguintes considerações na hora de traduzir as formas de tratamento pronominais no par linguístico Espanhol-Português: i) o gênero textual pode influenciar os usos de variantes específicas das formas de tratamento; ii) o tratamento pronominal entre pai e filho torna-se um aspecto complexo para a tradução, uma vez que envolve a proximidade familiar, o respeito e a hierarquização institucionalizada socialmente, podendo variar historicamente, diatopicamente e socialmente; iii) a variação linguística diacrônica, diatópica e diastrática nas formas de tratamento, em ambas as línguas, influencia a tomada de decisão do tradutor, além do contexto interacional e das relações de poder e solidariedade entre os falantes ou personagens; e, iv) a escolha de um sistema de tratamento pronominal para a tradução, mais que considerar o valor prestigioso de uma variedade, deve-se levar em conta o contexto da tradução e seus receptores.

Vale destacar, ainda, que a proximidade entre as línguas Espanhola e Portuguesa deve ser considerada na hora de traduzir, inclusive, na tradução das formas de tratamento pronominais. Neste viés, Eres Fernández e Flavián (2007) defendem a importância dos estudos contrastivos para a prática da tradução e exemplificam alguns casos de interferências presentes na tradução de textos técnicos do par linguístico Espanhol-Português, além de falhas na tradução, causadas pelo desconhecimento de teorias da tradução ou de aspectos linguístico-culturais das línguas envolvidas. As autoras concluem que as interferências entre estes dois idiomas são quase incontroláveis, pois são línguas muito próximas em sua origem e possuem variedades e registros diversos dentro de um mesmo país, devido a razões históricas e

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 48-67, 2015.

culturais. Por conta disso, as autoras defendem que os profissionais que traduzem estas línguas procurem amenizar as interferências da LE ou LM, sem prejudicar a comunicação e a correção linguística.

No que diz respeito à tradução das formas de tratamento pronominais entre o Espanhol e o Português Brasileiro, como ressalta Campos e Rodrigues-Moura (1998), há confusão em relação ao uso de *usted*, utilizando-o de forma generalizada, desconsiderando seu caráter de distanciamento e formalidade, na maioria dos países hispânicos. Muitos autores justificam este uso do *usted* pela analogia com o pronome *você*, do Português, também, utilizado com formas verbais de terceira pessoa e de uso estendido em muitas regiões brasileiras como tratamento informal. Tal confusão é exemplificada por Fanjúl (2014), ao analisar um panfleto da campanha publicitária de uma rede brasileira de supermercados em 2008, cujo slogan era: “O que faz você feliz?”. Este slogan foi traduzido ao Espanhol da seguinte forma: “*Qué hace usted feliz?*”.

O autor destaca que a tradução literal do pronome “você” por “*usted*” pode causar um sério problema de interpretação, posto que este *slogan*, para o leitor de Língua Espanhola, fora do contexto brasileiro, poderia ter as seguintes interpretações: “Você/O senhor está feliz por quê?” ou “Tem motivos para estar feliz”, e, ainda, poderia interpretar-se como uma pergunta sobre os hábitos: “O que você/o senhor faz quando está feliz?”. O pronome “*usted*”, na versão do slogan em Espanhol, passa a ser sujeito com caráter de agentividade. Por outra parte, em Português, “você” funciona como objeto direto do verbo “fazer”, indicando alguém afetado positivamente por algo que lhe traz felicidade. Desta forma, seria mais adequada a tradução do slogan ao Espanhol expressando este elemento afetado por pronomes clíticos, por exemplo: “*Qué te hace feliz?*” ou “*Qué le/lo/la hace feliz?*”.

Sobre este tópico, o autor reconhece que, na comparação entre as línguas, principalmente, de línguas tão próximas como o Português e o Espanhol, é necessária uma comparação funcional, além de reconhecer a heterogeneidade linguística. Pois, para ele, ao comparar a ocorrência dos pronomes pessoais com base na norma-padrão, apresentada pelas gramáticas tradicionais, entraria em questão o abismo existente entre os atos de fala e uma norma ideal imposta pela escola.

Fanjúl (2014, p. 30) ressalta que no Português brasileiro há maior tendência em explicitar o sujeito, enquanto no Espanhol a explicitação do sujeito tem valor contrastivo ou enfático. Nas palavras de Contreras (1998, p. 59): “Ao comparar o uso dos pronomes em uma oração observamos que em Espanhol não é permitido usar o pronome pessoal quando se

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 48-67, 2015.

deseja, e sim, quando seja necessário, já em Português este fenômeno não acontece.”<sup>5</sup> Assim, é provável que, ao traduzir as formas de tratamento pronominais que funcionem sintaticamente como sujeito, do Espanhol ao Português, tenhamos que explicitar os pronomes no texto meta em Português, mesmo que estejam ocultos no texto base em Espanhol.

Outro aspecto observado por Fanjúl (2014, p. 34) refere-se à correferência, a qual no Português brasileiro faz-se com a explicitação do sujeito, já no Espanhol, por conta de seu sistema flexional, realiza-se por meio da ausência do sujeito. Desta forma, é salutar ponderarmos que, na tradução de gêneros textuais orais ou mais próximos à oralidade, tal como o gênero peça teatral, haja mais ocorrências de pronomes de tratamento, na função sujeito, na versão em Português Brasileiro do que no texto em Espanhol.

Ainda, no que diz respeito às frases interrogativas, o autor salienta que, na maior parte das variedades do Espanhol, seria improvável haver sujeito entre o pronome interrogativo e o verbo (*cómo se sentia usted?*), com exceção de Cuba, Porto Rico e República Dominicana. Em contrapartida, no Português Brasileiro, temos a ordem inversa (*Como você se sentia?*). Esta observação também é pertinente para a tradução das formas de tratamento, pois, como já exemplificado anteriormente, a posição da forma de tratamento na oração, em ambas as línguas, pode indicar diferentes funções sintáticas, além de sugerir diferentes interpretações.

## Conclusão

Neste artigo, exploramos a aproximação entre a Sociolinguística e os Estudos da tradução a fim de defender que os estudos sociolinguísticos sobre a variação linguística no uso das formas de tratamento pronominais para 2ª pessoa das línguas Espanhola e Portuguesa podem contribuir à tradução de tais elementos, no sentido de evitar problemas de compreensão e/ou comunicação por seus receptores. Esta proposição já é pontuada por autores no âmbito dos Estudos da Tradução, tais como Lefevere (1992), Snell-Hornby (1988/1995), Travaglia (2013), entre outros.

Por fim, com base no que foi exposto, concluímos que traduzir mecanicamente o sistema de tratamento pronominal de 2ª pessoa de uma língua para outra, desconsiderando a variação linguística, o contexto da tradução e seus receptores, pode gerar equívocos e comprometer a correlação forma/função da língua de partida para a língua de chegada. Logo,

---

<sup>5</sup>Original: “Al comparar el uso de los pronombres en una oración observamos que en Español no se permite usar el pronombre personal cuando se desee y sí sólo cuando sea necesario, ya en Portugués este fenómeno no sucede.” (CONTRERAS, 1998, p. 59)

não basta escolher uma determinada variedade de língua para a tradução, deve-se considerar, também, os usos das variantes e analisar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos imbricados no texto, transpondo funcionalmente as relações de poder e solidariedade.

## Referências

BOLAÑOS-CUÉLLAR, S. Aproximación Sociolingüística a la Traducción. **Forma y Función**, nº 13. p. 157-192, 2000. Disponível em: <<http://goo.gl/rXX1rz>> Acesso em: 20 mai. 2014.

BORTONI-RICARDO, S.M. Por que a tradutologia precisa da sociolinguística? In: \_\_\_\_\_. **Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 103-126.

CALDERÓN CAMPOS, M. Formas de tratamiento. IN: ALEZA IZQUIERDO, M.; ENGUITA UTRILLA, J. M. (Coord.), **La lengua española en américa: Normas y usos actuales**. Universidad de Valencia, Valencia: 2010. p. 225-236.

CAMACHO, R. G. Formas de Tratamento numa história em quadrinhos. UFES. **Revista (Con)Textos Linguísticos**. Vol.9, nº13. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/yZYwoZ>> Acesso em: 18 dez. 2015.

CAMPOS, S. N.; RODRIGUES-MOURA, E. Formal o Informal? He ahí la cuestión... las formas de tratamiento en las clases de E/LE para alumnos brasileños. **ASELE**, Actas IX, 1998. Disponível em: <<http://goo.gl/PVVz1N>> Acesso em: 20 mai. 2015.

CARRICABURO, N. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual**. Madrid: Arco Libros, S.A., 1997. (Cuadernos de Lengua Española)

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 3º reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

CONTRERAS, M. **Las trampas que puede ofrecer la proximidad de idiomas – La interlengua que ofrecida como insumo en las clases de lengua española como LE**. 1998. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1998.

CINTRÃO, H.P. **Traduzindo formas de tratamento do espanhol peninsular ao português de São Paulo: uma visão semiótica e ideológica**. An. 2, Congresso Brasileiro Hispanistas, Oct. 2002. Disponível em: <<http://goo.gl/w46RfH>> Acesso em: 10 mai.2015.

COUTO, L.R.; KULIKOVSKI, Z.M. El voseo argentino y el voseo chileno: diferencias sociolingüísticas y conversacionales a través de diálogos cinematográficos y textos en internet. In: COUTO, L. R.; SANTOS, C. R. L. (Org.) **Las Formas de Tratamiento en Español y en Portugués**. Variación, cambio y funciones conversacionales. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 497-531.

ERES FERNÁNDEZ, G.; FLAVIÁN, E. La traducción de textos técnicos español-portugués: interferencias e (ir)responsabilidades. **Revista Línguas e Letras/Unioeste**, vol. 8, nº 14, p.21-36, 2007.

FANJÚL, A.P. Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais. In: FANJÚL, A.P.; GONZÁLEZ, N.M. **Espanhol e português brasileiro: estudos comparados**. São Paulo: Parábola 2014. p. 29-71.

FARACO, C.A. Norma-padrão brasileira: desembaraçandoalgunsnós. In: BAGNO, M. (Org.). **A linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p.37-61.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispánico. In: Bosque, I. /Demonte, V. (Eds.): **Gramática Descriptiva de la lengua española**, 1. Madrid: RAE, 1999. p. 1399-1425.

GÓMEZ TORREGO, L. **Gramática didáctica del español**. São Paulo: SM, 2005.

LABOV, W. **Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera**. Sociolinguistic Working Paper, 44, 1978.

LEFEVERE, A. **Translating Literature Practice and Theory in a Comparative Literature Context**. Nova York: MLA, 1992.

LOPES, C. R. S. Retratos da variação entre "você" e "tu" no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português Brasileiro II - contato linguístico, heterogeneidade e história**. 1 ed. Niterói: EDUFF, 2008, v. 2, p. 55-71.

MASELLO, L. Variedades de la Lengua y Opciones del Traductor Literario: Formas de Tratamiento en português y en español. In: COUTO, L. R.; SANTOS, C. R. L. (Org.) **Las Formas de Tratamiento en Español y en Português**. Variación, cambio y funciones conversacionales. Niteroi: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 473-495.

MAYORAL, R. **La traducción de la variación lingüística**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade de Granada, Granada, 1998.

MENÉNDEZ PIDAL, R. **Manual de gramática histórica espanhola**. Madrid: Espasa-Calpe, 1985.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. Curitiba. Editora da UFPR, nº 44, p. 91-106. 1995. Disponível em: <<http://goo.gl/gWx110>> Acesso em: 10 mai. 2015.

MOSER, K. Deixis personal en Costa Rica (San José) y Argentina (Córdoba) ustedeeo versus voseo: ¿dos soluciones diferentes para el mismo sistema? In: COUTO, L. R.; SANTOS, C. R. L. (Org.) **Las Formas de Tratamiento en Español y en Português**. Variación, cambio y funciones conversacionales. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 437-454.

RAMÍREZ, M.V. **El español de América II**. Morfosintaxis y Léxico. Madrid: Arco Libros, S.L., 2011.

RAMOS, J.M. Tratamento na díade pai e filho: o uso de você e senhor. In: COUTO, L. R.; SANTOS, C. R. L. (Org.) **Las Formas de Tratamiento en Español y en Portugués**. Variación, cambio y funciones conversacionales. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 289-299.

RIGATUSO, E.M. “Señora (...) No tenés más chico?” Un aspecto de la pragmática de las fórmulas de tratamiento en español bonaerense. **Revista Argentina de Lingüística**, nº 16, p.293-344. 2000.

SCHERRE, M.M.P, et al. Variação dos pronomes Tu e você. In: MARTINS, M.A; ABRAÇADO, J. (Org.) **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p.133-172.

SNELL-HORNBY, M. **Translation Studies. An Integrated Approach**. Amsterdam John Benjamins Publishing Company, Philadelphia: 1988/1995.

TRAVAGLIA, N.G. **Tradução e retextualização**: a tradução numa perspectiva textual. 2 ed. Uberlândia: EDUFU, 2013. 308 p.

UGARTEMENDÍA, C, M. Os-vuestro-vosotros-vos. Uso e desuso das variantes ibéricas do espanhol nas traduções latino-americanas dos textos clássicos. **Revista Translation**. Porto Alegre, nº 9, p. 21-28, Jun. 2015.